



COTIDIANO ESCOLAR DE CRIANÇAS PRETAS PRATICANTES DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: UM DIÁLOGO ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Débora de Sousa Bastos¹

Ana Cristina Santos Peixoto²

Resumo: O presente artigo tem como finalidade explicitar como o racismo religioso e estrutural atravessa a infância de crianças pretas que praticam as religiões de matriz africana no ambiente escolar. Fica evidente a forma como as religiões cristãs dominantes tem influência na vivência entre os estudantes demonstrada em preconceito e intolerância como também de que forma as instituições educadoras estão despreparadas para cumprir as leis e ir contra às perspectivas hegemônicas colonialistas. Utilizamos como suporte depoimentos que ratificam o sistema educacional inábil, que reproduz em suas práticas diárias a exclusão e trazemos a triste realidade vivenciada pelas crianças que encontram em seus terreiros o apoio emocional e espiritual necessário para continuarem na escola enfrentando diversos embates.

Palavras-chave: Candomblé; Educação; Infâncias Negras; Racismo Estrutural; Racismo Religioso;

SCHOOL DAILY LIFE OF BLACK CHILDREN PRACTICING RELIGIONS OF AFRICAN ORIGIN: A DIALOGUE BETWEEN THE CROSS AND THE SWORD

Abstract: The present article aims to explain how religious and structural racism runs through the childhood of black children who practice African religions in the school environment. It is evident how the dominant Christian religions have an influence on the experience among students demonstrated through prejudice and intolerance as well as how educational institutions are unprepared to comply with laws and go against

¹ Bacharela em Serviço Social pela UNIME (2016); Mestranda em Ensino das Relações Étnico-Raciais (UFSB), Makota de Candomblé na Nação Congo Angola. E-mail: dedbittar@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6238-4124>

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Professora e orientadora do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais- PPGER-CJA da UFSB. E-mail: anacrisletras@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0678>



hegemonic colonialist perspectives. We use as support testimonies that ratify the awkward educational system, which reproduces in its daily practices the exclusion and brings the sad reality experienced by the children who find in their yards the emotional and spiritual support necessary to continue in school facing several clashes.

Keywords: Candomblé; Education; Black Childhoods; Structural Racism; Religious Racism;

LA VIDA COTIDIANA ESCOLAR DE LOS NIÑOS NEGROS QUE PRACTICAN RELIGIONES DE ORIGEN AFRICANO: UN DIÁLOGO ENTRE LA CRUZ Y LA ESPADA

Resumen: El presente artículo tiene por objeto explicar cómo el racismo religioso y estructural atraviesa la infancia de los niños negros que practican religiones africanas en el entorno escolar. Es evidente cómo las religiones cristianas dominantes influyen en la experiencia de los estudiantes que se demuestra a través de los prejuicios y la intolerancia, así como cómo las instituciones educativas no están preparadas para cumplir las leyes y van en contra de las perspectivas hegemónicas colonialistas. Utilizamos como apoyo los testimonios que ratifican el incómodo sistema educativo, que reproduce en sus prácticas cotidianas la exclusión y trae la triste realidad que viven los niños que encuentran en sus patios el apoyo emocional y espiritual necesario para continuar en la escuela frente a varios enfrentamientos.

Palabras-clave: Candomblé; Educación; Infancia Negra; Racismo estructural; Racismo religioso.

LA VIE SCOLAIRE QUOTIDIENNE DES ENFANTS NOIRS PRACTIQUANT DES RELIGIONS AFRICAINES: UN DIALOGUE ENTRE LA CROIX UN DIALOGUE ENTRE LA CROIX ET L'EPÉE

Resumé: Le présent a pour but d'expliquer comment le racisme religieux et structurel traverse l'enfance des enfants noirs qui pratiquent les religions africaines en milieu scolaire. Il est évident que les religions chrétiennes dominantes ont une influence sur l'expérience des étudiants, démontrée par les préjugés et l'intolérance, et que les établissements d'enseignement ne sont pas préparés à respecter les lois et à aller à l'encontre des perspectives colonialistes hégémoniques. Nous utilisons comme support des témoignages qui ratifient le système éducatif maladroit, qui reproduit dans ses pratiques quotidiennes l'exclusion et apporte la triste réalité vécue par les enfants qui trouvent dans leur cour le soutien émotionnel et spirituel nécessaire pour continuer à l'école face à plusieurs affrontements.

Mots-clés: Candomblé; Éducation; Enfants noirs; Racimo Estrutural; Racismereeligieux;

A ESCOLA COMO ESPAÇO COLONIZADOR



Nosso³ objetivo com a escrita deste texto é colaborar na discussão sobre o despreparo das escolas no trato para com as diferenças religiosas e culturais, bem como evidenciar como a escola tem se comportado diante destas diferenças. Traremos como argumento que demonstra tal despreparo, fragmentos de narrativas de crianças pretas candomblecistas que estudam em escolas públicas no ensino fundamental na cidade de Ilhéus-BA.

Tão bom saber que existe na sociedade um ambiente de aprendizado onde se discutem ideias e se expõem saberes que dialogam entre passado e presente na construção de um melhor futuro. Essa seria uma definição ideal para o lugar de aprendizagem que chamamos de “escola”. Todavia, a escola que temos como espaço de aprendizagem não é bem assim. A escola tem o dever de estimular a formação de princípios e valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as identidades constitutivas de grupos e minorias. Respeitar as diferenças faz parte do processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. Entendemos que o ambiente escolar deveria representar este espaço de conhecimento, de socialização e de valorização cultural, laica, sem preconceito que abrangesse as culturas de todos os povos que contribuem para a formação de nosso país. Corroboramos com Gomes (2005, p.14) que afirma:

Não faz sentido que a escola, uma instituição que trabalha com os delicados processos da formação humana, dentre os quais se insere a diversidade étnico-racial, continue dando uma ênfase desproporcional à aquisição dos saberes e conteúdos escolares e se esquecendo de que o humano não se constitui apenas de intelecto, mas também de diferenças, identidades, emoções, representações, valores, títulos (GOMES 2005, p.14).

O que se apresenta em nossa realidade é que as diferenças não são trabalhadas pelos professores ou gestores da escola de maneira adequada. No ambiente escolar, são evidenciadas ferramentas estatais que segregam, massacram e ocultam diversos saberes e culturas. A escola tornou-se o lugar onde o saber que difere dos padrões eurocêntricos não é válido, e além de invalidado é demonizado por aqueles que transmitem o "conhecimento". Os documentos oficiais apontam para o direito da população negra à

³ O pronome possessivo “Nosso” diz respeito a escrita conjunta de duas pesquisadoras (Makota iniciada no Candomblé Congo Angola e abiã) que estudam o Ensino para Educação Étnico-raciais com foco em racismo religioso sofrido por crianças pretas candomblecistas nas escolas públicas do Sul da Bahia.



educação que à respeita, tendo direito de manifestar sua cultura, sua autonomia, seus pensamentos e visões de mundo como também sua escolha religiosa. Direitos iguais a de qualquer outro cidadão como consta na Constituição Federal de 1988, no Art. 205, que assinala o dever do Estado de “garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional”.

Perpassar pelas normas impostas para escola seria um caminho muito longo que fugiria do objeto desta escrita, por isso, limitamo-nos a explicitar de maneira modesta a forma como um lugar que traz a possibilidade de abraçar a todos independente de quaisquer características físicas, culturais ou religiosas faz o contrário ao fomentar e transmitir comportamentos segregatórios. A colonização datada há tantos anos, ainda está enrustida na vivência escolar de diversas crianças, em suas relações com os professores e gestores; os colonizadores necessitam dos colonizados para sua perpetuação de poder, todo aquele que não entra no padrão eurocêntrico é encaixado na base da pirâmide colonial.

Algumas perguntas nos rondam quando observamos situações de preconceitos em sala de aula, como no caso de uma menina, aluna de uma escola pública na zona norte de Ilhéus, que por conta do seu cabelo *blackpower* foi obrigada a sentar na última fileira e a mãe ainda recebeu um bilhete pedindo que amarrasse o cabelo dela para que ficasse melhor adequada à classe. Não por acaso chama a atenção o verbo utilizado "amarrar". Amarrar é a forma brusca de prender tudo o que o cabelo dessa menina representa, é a mais simples e brutal forma de assassinar toda uma história que se escreve a cada dia. Uma criança preta sendo impedida de usar seu cabelo por não se encaixar nos padrões escolares. Mas, quem dita esses padrões? Quem disse que o cabelo preso é o certo? Poderíamos discorrer em vários adendos para mostrar quão monstruosa é essa atitude, passando pela história de luta do povo negro, da mulher negra e da estética negra. Porém, como cada encruzilhada tem seu morador, a morada desse artigo é do lugar de fala das vivências oriundas de espaços escolares que permeiam nossas crianças, candomblecistas⁴, umbandistas e afins descrevendo as atitudes racistas que ainda dominam esses espaços.

⁴Religião desenvolvida no Brasil com bases oriundas da África, por essa razão se denomina religião de matriz africana, onde estende-se por cultos diferentes chamados de nações que são: Angola, Efon, Ijexá, Jeje e Ketu.



Os dados e análise apresentados fazem parte da coleta inicial de pesquisa desenvolvida no Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais que trabalhará com crianças pretas nos espaços formais de educação abordando a questão do racismo religioso enfrentado por meninas e meninos candomblecistas nestes espaços. Os depoimentos que ora apresentaremos são de três crianças pretas candomblecistas, que estão na educação básica e estudam em escola pública na cidade de Ilhéus. As idades são de 10 e 11 anos, duas meninas e um menino. Os depoimentos foram feitos em redação textual escrita e serão apresentadas sem nenhuma correção gramatical.

OLHA LÁ A MACUMBEIRA, FILHA DO DIABO! O COSTUME RELIGIOSO QUE EXCLUI!

Desde o século IV com a manobra política de Constantino em se apoderar do Cristianismo como base ideológica do império Romano, vive-se uma era do poder cristão dominante. Ramón Grosfoguel em seu texto - A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI traz um conceito interessante para mostrar como essa nova fase é manipuladora e dominante:

Observe que faço uma distinção entre cristandade e cristianismo. Cristianismo é a tradição espiritual religiosa. Cristandade é quando o cristianismo transforma-se em uma ideologia dominante utilizada pelo Estado. A cristandade emerge no século IV D.C., quando Constantino se apropria do cristianismo e o torna a ideologia oficial do Império Romano (GROSFOGUEL, 2016, p. 28).

A Cristandade que foi a ideologia religiosa adotada pelo império romano, provocou o sepultamento de diversas culturas e saberes, e mesmo os que sobreviveram a essa catástrofe sofrem hoje por serem vistos como anormais e/ou ruins. Tudo que não é cristão é errado, logo considerado algo demoníaco devendo ser excluído. Desta forma, observa-se o Epistemicídio de tantos povos e conhecimentos ancestrais, pois uma vez que não foi cristianizado, foi banido. A cristandade é um movimento de poder que deixa nítido o lugar do colonizador e do colonizado.

A escola como instituição não adere a nenhuma religião dado o fato de que o Estado que temos é laico, mas, ela é constituída por pessoas que hegemonicamente tem



praticado no seu interior a Cristandade. Uma criança praticante de Candomblé, que frequenta uma escola pública, leva na mochila não apenas os cadernos e utensílios necessários para sua aprendizagem. Ela leva uma bagagem muito mais pesada. Leva o medo de ser apontada no recreio e não poder brincar, algumas vezes, leva a vergonha porque enquanto todos comentam das canções entoadas aos anjos, ela não pode cantar uma música dedicada ao seu espírito ancestral. Carrega consigo a máscara que precisa algumas vezes colocar para que não vejam suas lágrimas ao ouvir que seu espírito de culto é o diabo e outras diversas situações. Na cabeça dela é difícil associar a imagem de demônio àquele espírito que acolhe, que ouve e que abraça. Por isso precisamos de medidas urgentes que faça valer o previsto na Constituição Federal nos princípios fundamentais em seu Art.3º, inciso IV: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, reconhecendo que todos são possuem singularidades e que a formação escolar tem de estar atenta para o desenvolvimento de suas personalidades respeitando e ensinando a respeitar as diferenças.

Mas, voltando à bagagem, ela é pesada. Assim que a criança abre a mochila, ela percebe que talvez seja melhor mais ouvir do que falar, e quando o colega grita: “-não senta do lado dela que ela é macumbeira!” - a vontade de entrar na mochila é grande, mas ela lembra que nela já têm coisas demais. Se silencia, porque o silêncio se configura como o que deixou de ser dito e os sentidos construídos no silêncio dizem mais que as palavras que não foram ouvidas, e assim, subalternizada, ela espera que com e no silêncio tudo se resolva.

O silêncio só pode ser quebrado a partir de práticas para educação antirracista, construídas, criadas ou adotadas pelas escolas que possam reconhecer e respeitar a cultura, identidade, memória e a religião dos descendentes africanos no Brasil. Conforme consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) para reconhecer e aceitar as diferenças que existem no ambiente escolar é preciso a que a “Valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação (...) (BRASIL, 2004, p. 12).

Para tanto é preciso abolir as formas depreciativas nas quais nos dirigimos às



peças pretas, eliminar as piadas, o processo de ridicularização com relação ao trabalho colocando-as sempre como “preguiçosas”, a demonização em referência a religião. A escola enquanto formadora de cidadãos precisa criar condições para que os estudantes pretos não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele ou de sua religião.

O processo de silenciamento das crianças candomblecistas faz parte do cotidiano das escolas. Para modificar esse cenário há necessidade de alterações no sistema educacional, de professores qualificados para o ensino nas diversas áreas de conhecimentos, de livros didáticos que abordem e valorizem a cultura e identidade preta.

Neste horizonte, enfatiza-se a importância do reconhecimento de perspectivas decoloniais nas pedagogias críticas multiculturais. Tais perspectivas multiculturais decoloniais voltam-se à problematização de currículos baseados em perspectivas hegemônicas colonialistas, com o intuito de promover a valorização dos saberes nativos de grupos subalternizados. Desta forma, buscam fortalecer suas identidades individuais e coletivas em espaços em que a identidade institucional seja coletivamente construída de modo a que favoreça, cada vez mais, a diversidade, o antirracismo e a equidade social (IVENICKI, 2020, p. 34).

A partir daí pode-se mudar vivências como as que ocorrem sala de aula quando a professora pede para os alunos (pretos e não pretos) abrirem seus livros e só verem figuras brancas, figuras amarelas e quando finalmente veem uma de pessoa preta, ela está amarrada em um tronco (voltemos à utilização do verbo amarrar tão conhecido negativamente pelo povo preto), está degolada em uma árvore, está em processo de sofrimento ou morte. O que resta a criança preta? Enfrentar essas cenas com tudo aquilo que as pessoas ao seu redor menosprezam? Sua cor, seu torso e seu fio de conta que lá no *Nzo*⁵ foi dito para usar como proteção?

Às vezes a violência alcança dimensões muito grandes e é necessário um deslocamento do seu lugar de existência para um lugar que lhe caiba, mesmo que lhe padronize, refazendo a relação colonial, em que a vítima se esconde de si mesma para viver no mundo eurocêntrico. “A presença do outro me impede de ser totalmente eu

⁵ Nome na língua Kimbundu que significa casa. O Kimbundu é uma das línguas oficiais em Angola, falada por cerca de três milhões de pessoas, língua esta proveniente dos povos Bantu. No Brasil é utilizada na nação de Candomblé Congo-Angola e como todas as línguas que possuem sua importância na interlocução verbal, o Kimbundu traz o resgate ancestral de um povo que foi inserido na construção da sociedade brasileira e teve aos poucos seus costumes engolidos e encobertos pela colonização. Logo a utilização dela é de extrema colaboração e importância na vivência dos povos de terreiro, especificamente, na nação Congo-Angola.



mesmo. A relação não surge nas de identidades plenas, mas da impossibilidade da constituição das mesmas” (LACLAU E MOUFFE, apud BALLESTRIN, 2013, p. 91).

Hall (2008, p.13) afirma que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas”. E é exatamente assim que as crianças de religião de matriz africanas se sentem nas escolas tradicionais que perpetuam o conhecimento eurocêntrico. É um encher e se esvaziar ao mesmo tempo, é o lugar de incerteza, de inconstância, é ter que construir sua identidade e ao mesmo tempo desconstruí-la. A construção identitária de uma criança preta candomblecista se constitui a partir de sua ancestralidade, lugar este que ela necessita negar para poder ser aceita no ambiente escolar. Munanga (2008) nos diz que a ancestralidade

É praticamente o ponto de partida de todo processo de identidade do ser, para você criar sua identidade coletiva você tem que estabelecer um vínculo com a ancestralidade. Lá é sua existência como ser individual e coletivo. Então a ancestralidade para nós é muito importante. É tão importante que você não vai encontrar, na visão africana de mundo, os templos dedicados ao Deus único, Olorum, para Zâmbi (MUNANGA, 2008, p.2).

Assim nossas crianças sofrem violência estrutural e simbólica no ambiente escolar a todo o momento, pois precisam despir-se de si mesmas para existir nos padrões eurocêntricos nos quais as escolas brasileiras tradicionalmente se constituem.

Desta forma, reportemos a pergunta da autora Gayatri Chakravorty Spivak (2010): “Pode o subalterno falar? ”. Tal pergunta nos traz algumas reflexões como: Uma figura subalternizada histórica e culturalmente por sua cor e religião poderá dizer que essas atitudes são vistas como símbolo de resistência e força ou serão vistas como humilhação e inferiorização?

Daí surge um grande divisor de águas nessa luta, a importância da visualização da rede, e por causa desta, o papel do professor e dos gestores da escola se tornam tão importantes. Para nós o conceito de visualização de rede é quando a criança preta identifica em seu campo de ensino, no corpo docente juntamente com a direção, o apoio necessário para o enfrentamento dessas formas de violência. Pode-se ainda dizer que seria uma forma de resistência localizada na realidade micro, mesmo que seu objeto de combate seja macro. Spivak (2010) utiliza o termo para citar o ato do proletariado quando se une para combater o poder, falando que mesmo os que não fazem parte das fábricas,



mas que não toleram a forma de poder aplicada pode lutar, mostrando que qualquer pessoa de onde quer que esteja pode se unir contra o poder mesmo não fazendo parte daquela realidade operária. “Esse é um programa admirável de resistência localizada. Onde for possível, esse modelo de resistência não é uma alternativa para as lutas macrológicas em termos ‘marxistas’, mas pode complementá-las” (SPIVAK, 2010, p. 73).

Logo, a resistência oriunda de pessoas da rede que podem ajudar a minimizar os efeitos dessa violência é fundamental para que essas crianças tenham força para travar suas lutas cotidianas. É saber que a atitude de exclusão vinda do colega não é institucional podendo assim ser resolvida. Constatar que quem sofre a violência pode buscar junto aos professores, diretores e afins apoio necessário para que as relações escolares possam ser construídas baseadas no respeito e na cumplicidade.

Ao analisar as situações de violência nas escolas, com base na diferença religiosa, pode-se observar o que diz Avtar Brah (2006, p. 363) sobre a diferença como relação social: “É o eco da ‘diferença como relação social’ que reverbera quando legados da escravidão, do colonialismo ou do imperialismo são invocados”. Portanto, quando há encontro dos legados escravagistas, essas diferenças sobressaem como forma de preconceitos, violências e demais expressões que acontecem nas escolas. A criança preta ao ser excluída de uma brincadeira na hora do recreio por crianças brancas revive a relação social e de poder dos tempos antigos. Quando existe menção sobre rezas e a criança preta não consegue dialogar com seus colegas sobre as palavras que ela canta a seu espírito é mais uma forma de reafirmação desses tempos.

Por conseguinte, o cristianismo e a cristandade, desde a época da escravidão, estão diretamente ligados às demonstrações de racismo religioso que nas escolas interfere no processo de aprendizagem como também na vida social e religiosa das crianças. Ao ser apontada como macumbeira, automaticamente existe uma exclusão de assuntos, formas de tratamento e brincadeiras que ela pode participar.

O conceito de racismo religioso parte da desigualdade produzida pelo trato da diferença e não de sua homogeneidade posto que as agressões sofridas por crianças pretas “Não se circunscrevem a um caráter puramente religioso, mas a uma dinâmica civilizatória repleta de valores, saberes, filosofias, cosmogonias, em suma, modos de viver e existir negroafricano amalgamados nas comunidades de terreiro (DEUS, 2019,p.15). Ainda sobre o racismo religioso:



O racismo é caracterizado religioso não só quando a escola discrimina ou permite comportamentos discriminatórios com alunos/as oriundas de religiões de matrizes africanas por exibirem algum traço de pertencimento religioso que esteja fora do padrão das religiões cristãs, mas também de forma ampliada, quando se atribuem características negativas a algum grupo étnico/racial ou agir no intuito de inferiorizá-lo. (FILIZOLA, 2019, p. 126)

Se em um espaço não há lugar para diferença é porque existe nesse local uma hierarquia social e de poder que enquadra o dominante e o dominado, assim não haverá forma de convivência entre diferentes a não ser como submissão por parte de um grupo e poderio por parte de outro. Não existe vontade política de realizar a educação em espaço plural, com diferentes crenças, uma vez que está enraizada em seu escopo a diferenciação como exclusão e não como inclusão.

Em uma escola pública na cidade de Ilhéus, Antônia, uma aluna preta de 11 anos, escreve um texto a pedido de seu professor sobre preconceitos que sofre na escola. Nesse texto “Antônia” escreve como a vivência escolar é permeada de sentimentos contrários em relação ao Candomblé, religião que ela faz parte.

Olá, meu nome é Antônia, tenho 10 anos, estou no 7º ano e vim falar sobre o preconceito do candomblé. O preconceito hoje em dia está sendo muito ruim, e principalmente com os candomblecistas e os negros. Não sei por que existem pessoas assim no mundo q julgam sem nem saber como é de verdade o candomblé, que acham que por que as pessoas são pretas elas são macumbeiras, elas vão fazer mal ou desejar algumas mal. mais não é isso é o contrário elas são iguais a todos mais, elas só querem respeito assim como elas respeitam as outras religiões. O candomblé é o contrário do que todo mundo pensa, é uma religião tão linda e ao mesmo tempo importante. No candomblé você aprende muitas coisas inclusive a ter respeito com os outros e com as outras religiões... "MAIS POR QUE NÃO RESPEITAM O CANDOMBLÉ?" Eu sou do candomblé e gosto muito da minha religião. Quando eu era menor meu sonho era ser do candomblé mais não deu por conta que algumas pessoas da minha família é preconceituoso aí não dava para eu entrar no candomblé mais um dia eu e minha mãe decidimos enfrentar esse desafio e foi assim q seguimos com a nossa religião e hoje somos do candomblé e sou muito orgulhosa disso. Eu amo muito a natureza e fico triste em saber que a pessoas tratam a natureza como se fosse um lixo qualquer, mais sabendo eles q todos nós precisamos da natureza para viver pq sem ela não temos comidas, bebidas, e outras coisas também, inclusive meu santo é das folhas ele é da natureza e também a natureza é a moradas dos espíritos, então temos q pensar antes de fazer um ato contra a natureza, lixo no lixo por favor.

O texto escrito por “Antônia” nos transporta para um lugar de fala repleto de significâncias. É percebido um tom de indignação em seu relato ao tratar do preconceito



que sofre por ser preta e candomblecista. A tentativa de trazer a simplicidade com que as outras pessoas deveriam olhar e respeitar a sua religião nos faz questionar o quão devastador é ser apontada e violentada por sua escolha religiosa quando muitas outras podem professar sua fé com liberdade.

Antônia apresenta, também, sua ideia de Candomblé uma vez que faz parte de um terreiro e o descreve como um lugar de aprendizagem. Retrata o preconceito familiar e a luta sua e de sua mãe pela qual foi possível frequentar a religião que gosta e se sente bem. No terreiro, onde Antônia vive sua religião, ela aprende a respeitar a natureza com uma riqueza de detalhes impressionante e consegue identificar em cada parte do ecossistema uma grandeza e divindade de forma minuciosa e encantadora.

Ela demonstra seu aprendizado e o reconhecimento de suas correlações com a natureza, aborda sua insatisfação com a forma que as demais pessoas tratam o que para ela é sagrado. Ela não consegue entender como outros são capazes de destruir aquilo que serve de alimento físico e espiritual.

Antônia fecha seu texto abordando sobre o seu Nkisi⁶ e faz um apelo para que as pessoas preservem a natureza e joguem o lixo em seu devido lugar. Reflete nessa última fala algo que chama atenção: a criança consegue ter uma conscientização profunda em relação ao seu dever para com a natureza e a forma de abordar com os outros que façam sua parte. Antônia nos ensina que educação de terreiro não é apenas religiosa como também trata de respeito, cidadania e reciprocidade social.

A segunda narrativa que apresentamos é de Lua

(...) me chamo Lua, tenho 11 anos! Vim falar um pouquinho sobre questões religiosas, especificamente o Candomblé! Eu não gostava muito dessa religião, tipo eu julgava muito sem saber como realmente era! Até então eu frequentava outra religião, e lá pra falar a verdade eu não entendia nada do que eles falava... Mas minha mãe é do candomblé e então eu fui com ela pra saber como realmente era! Confesso que fiquei com medo, um pouco assustada pelo fato de ser diferente de tudo aquilo que eu já tinha visto...Mais aí eu comecei a frequentar e gostar também! E hoje eu gosto bastante. Na escola tenho duas amigas minha que também são do candomblé, a gente conversa bastante sobre como as pessoas julgam essa religião! Mais por que só o Candomblé? Com várias outras religiões não tem nada disso! Na minha opinião as pessoas deveriam respeitar todas as religiões igual, sem apontar o dedo pra falar o que nem sabe! Mais infelizmente essa é a nossa realidade. Gosto muito dessa religião, de frequentar mais ainda! E

⁶ Nome na língua Kimbundu, que se refere a espírito. Nome dado aos espíritos que representam as forças e elementos da natureza.



o que eu mais gosto no terreiro é simplesmente TUDO! Só queria que as pessoas tivessem mais respeito!

Lua conta a forma como as crianças são levadas a conhecer o candomblé pelo medo e pavor. Ao adentrar um Nzo, ela retrata como aprendeu a gostar e hoje faz parte dessa religião. Além disso, chama atenção sobre seus amigos na escola que também são candomblecistas e que falam sobre assuntos afins. Por fim ela pede respeito para com sua religião.

A seguir temos a narrativas de Joelson

Olá, sou Taata Kambondo ÚNDÚNGÈWÉ, “Joelson” é meu nome de registro e que me chamam na chamada escolar. tenho atualmente 11 anos, iniciado no candomblé congo angola. No meu ano letivo de 2019, resolvi de certa forma ir para a escola com meus fios e minha camisa branca e meu ekete (objeto colocado na cabeça). Com a consciência e amor de ter escolhido a religião certa, quis espalhar para a sociedade o amor, o prazer em pertencer e demonstrar o que realmente é a religião afro-brasileira. Portanto, com a falta de conhecimento dos meus colegas de sala/escola, fui criticado muitas vezes por pertencer ao candomblé. Um certo dia, a diretora resolveu nos mostrar um filme e esse filme foi apresentado na igreja que era ao lado, mas nunca fomos em um terreiro visitar ou até mesmo assistir sobre a cultura. Obs.: O terreiro que frequento fica menos de 1km da escola. Oferendas que entregava em um rio próximo foram chamadas de lixo, foram palavras e momentos que marcaram meus dias e quase entrei em depressão, não gostava de sair e até mesmo comecei a evitar certas amizades e sair de casa. Mas, graças a meus ancestrais permaneci bem e estou aqui para contar um pouco como a sociedade em que vivemos trata os povos de terreiro.

A história de Joelson poderia ser apenas um exemplo fictício do racismo religioso sofrido pelos praticantes de religiões de matriz africana, mas não é. A fala é perpassada por dor, sofrimento e angústia, mas também é feita de resistência, mostrando que a religiosidade, os ensinamentos no terreiro e sua ancestralidade ajudam a enfrentar o racismo religioso. Consequências psicológicas são retratadas pelo mesmo, como o início de depressão e reclusão de convívio escolar e ele faz questão de enfatizar o apoio recebido em sua religião que foi de extrema importância para que não ficasse com danos mais graves. É no terreiro que Joelson encontra forças para andar de cabeça erguida na rua, mesmo que isso signifique conviver com violências psicológicas e morais. O adolescente nos traz em seu relato como sua religião é tratada em seu cotidiano escolar e como esse espaço não está preparado para lidar com a laicidade garantida por lei.

Ressaltamos que não cabe somente ao espaço escolar trabalhar em prol de uma educação antirracista, cabe a sociedade como todo, conforme consta nos documentos



oficiais a educação das “relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL,2004, p.16). Para que a escola possa cumprir o seu papel é preciso que se tenha um ambiente democrático, laico, aberto para que todas as vozes possam ser ouvidas de forma igualitária.

A HISTÓRIA DA CRUZ E DA ESPADA E AS ATUAIS VIVÊNCIAS DESTA FALA

Dilema. Ser o que aprende dentro do culto religioso ou não? A primeira opção diz que devemos respeitar outrem, devemos pedir benção a todos, que se ouve e depois se fala, que a vida tem valor imensurável e nunca deverá ser banalizada. Ainda, que todos devam sentar juntos nas refeições e dividir tarefas da casa de santo para que tudo tenha seu perfeito equilíbrio. Se não está bem, roga-se pela sabedoria ancestral sobre os cuidados a serem tomados e na natureza, que aprende a amar e zelar, e encontra-se o remédio e a cura para as mazelas. É na casa de santo que se encontra paz e aconchego porque por todo lado existem irmãos, como costumam se tratar mesmo sendo de terreiros diferentes e lá que todos tem joias que são os instrumentos religiosos, como os atabaques, os alimentos sagrados, as vestes, existe o zelo e o prazer em mostrar seus fios de conta no jinkó⁷. Este é um de alguns ensinamentos aprendidos em uma comunidade de Candomblé bem como a língua que se aprende para se comunicar nos terreiros derivadas do Kimbundu.

A palavra dilema, vem como parte da situação da criança que mesmo aprendendo tudo isso, ao chegar à escola precisa se esconder para que possa exercer seu direito de ir e vir no ambiente educacional. Não escolher demonstrar todos esses aspectos acima e outros que são pertencentes a sua religião, significa não ter que comer sozinho no intervalo, pois seus amigos sentarão a mesa que você está. É levar um lanche e saber que seu coleguinha vai comer tranquilo porque não vai achar que sua comida é oferenda para algum espírito. É poder transitar sem ser apontado como filho do diabo por estar com fios de conta ou Dilesu dya Mutwe⁸. É acima de tudo, quando pedir para que se escolha entre

⁷ Palavra na língua Kimbundu que significa pescoço.

⁸ Pano utilizado para encobrir o mutwe (cabeça).



a cruz e a espada, que simplificando seria anular sua crença e pertencer na escola à crença dominante ou a “morte”. Então, esta criança preta e candomblecista, escolhe não morrer.

A imposição machuca e corrói a construção identitária dos povos praticantes de religião de matriz africana. Traz dor por ser excluído por motivos perversos. Na verdade, com a decolonialidade, pode-se dizer que existe fundamentação para essa guerra de poder, pois o branco tem medo do preto. Bento (2002) em seu artigo intitulado Branqueamento e branquitude esboça a tentativa de branqueamento no Brasil no final do século XIX e começo do século XX, para apagar a existência do povo preto. Todavia, a ideia que se traz de que o preto almeja ser branco é parte do disfarce do temor do povo branco em perder o poder. Assim ela descreve:

Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos. Na verdade, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais (BENTO, 2002, p. 1-2)

DIZUBILU DIOENDA⁹

As feridas abertas nos colonizados encontram, no terreiro, a cura. Conversamos com nossos irmãos, cultuamos nossos espíritos, fazemos nossas oferendas com muito amor e dedicação. Existe a felicidade de poder cantar nossos cantos sem temer a repreensão de outros, poder dizer que passou em uma mata e ouviu o canto de um pássaro e ali encontrou a sua ancestralidade. É permitido também comermos juntos, compartilhar o alimento que foi preparado no terreiro e depois de um longo dia de muitas atividades sentar e ouvir as histórias de um velho pescador, Sr. Martin Kimbanda, que sempre vem abrilhantar nossos encontros.

Por meio dele, recebemos recados, conselhos, a gente reclama de uma dor aqui

⁹ Palavra na língua kimbundu que significa fim, fim do caminhar, fim da viagem.



ou acolá e ele referênciava a natureza como resposta para nossas solicitações: um chá da folha de pitanga para aquela que tanto sente dores nas pernas, um lambedor de mel com tantas coisas dentro que os pequenos fazem careta, mas prometem beber para sarar a gripe constante. São muitos ensinamentos, mas além de tudo isso tem o reconhecimento de estar onde se escolheu nascer para a religião. E sem esquecer os sambas, as cantigas que trazem em suas letras resistência, força e amor. O pescador samba ao som do atabaque e nós sambamos juntos, descontraídos, pertencentes àquele quilombo, a nossa morada.

Depois, das paredes da casa sagrada, a casca dessa ferida é arrancada a cada xingamento, olhar ou agressão. E sangra. E volta a sua origem para o recomeço desse processo que não cessa. Sonhamos com o dia em que essa ferida seque e sare. A escola não deveria e não deve ser quem “tira as casquinhas”, mas sim a que, junto com o todo social, zela e cuida dessas feridas para que se curem logo. Na escola deveria ser ensinado algo como aprendemos no Nzo: a vida é um presente, tudo ao nosso redor é uma dádiva e o equilíbrio entre todos os seres é nosso papel humano e social. Cicatrizes? Restarão. Como marca de luta, de resistência e de sabedoria. Podemos ser feridos constantemente, todavia, percebemos a cada caminhada e ensinamento na nossa religião a possibilidade de exercer o enfrentamento porque não existe superioridade, mas características de nosso povo que junto com outras não compõem anormalidades.

Trazemos um sentido de horizontalidade com a liberdade do ser e pertencer àquilo que se quer, onde a igualdade não é o caminho, mas sim o respeito da escolha do outro. Porque cada um de nós é um universo composto de muita ancestralidade e plurais e isso não é errado. O errado é querer colocar na mesma caixa tudo que somos e compomos durante os anos, tudo que expressamos e almejamos. Somos mutáveis, somos o todo e ao mesmo tempo o nada. Assim é a natureza em todos os seus ciclos, com seus começos e fins. O fim de uma semente que germina, é o começo de uma árvore que floresce, de uma outra que frutifica e vai cursando seus caminhos, sem findar e sim renascendo para um novo ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e giro decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade e diferenciação*. In: BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. Longon/New York, Routledge, 1996, capítulo 5, pp.95-127.

BRASIL. *Constituição Federal*. 1988.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. 2004.

FILIZOLA, Jaime Gustavo. *As crianças de Candomblé e a escola: Pensando sobre o racismo religioso*. Tese (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades), Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e Identidade Negra*. Revista Aletri. v.9.2002 Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 11 jan.2019.

GROSGOUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1. Janeiro/Abril 2016.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

IVENICKI, Ana. *Perspectivas Multiculturais para o currículo de formação docente antirracista*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 12, n. 32, p. 30-45, mar-mai 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/890/807>> Acesso em: 09/08/2020.

MUNANGA, Kabengele. *Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação*. In: Superando o racismo na escola, 2ª Edição Revisada/KabengeleMunanga, org. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele; *Entrevista aberta concedida a Juvan Moreira de Oliveira*. São Paulo. 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG, Belorizonte, 2010.

Recebido em 30/07/2020

Aprovado em 15/07/2020